

## **A Trajetória Intelectual de Heriberto Frías e a “Guerra de Tomóchic” no México.**

**Ival de Assis Cripa<sup>1</sup>**

A exposição abordará a trajetória intelectual de Heriberto Frías, que foi “correspondente de guerra” durante a rebelião camponesa de “Tomóchic” no México, ocorrida em 1892, no Estado de Chihuahua. Como era “subtenente” e seus artigos continham várias críticas ao Exército Federal, na época de Porfírio Díaz, Heriberto Frías publicou a cobertura do conflito anonimamente, no jornal de oposição à ditadura de Porfírio Díaz, “El Demócrata”, que fora fundado por Enrique Flores Mágón entre outros opositores da ditadura de Porfírio Díaz (TOPETE LARA: 2005, pp.71-133). Posteriormente (1893), Frías converteu a cobertura jornalística da Guerra em uma novela Histórica, intitulada “Tomóchic”. Nossa pesquisa visa discutir, de uma perspectiva crítica e a partir da análise da trajetória intelectual e da obra de Heriberto Frías, as críticas de um intelectual e literato ao projeto centralizador do regime ditatorial chefiado por Porfírio Díaz, inspirado na ideologia positivista. Nosso objetivo será entender a amplitude e os limites da crítica de um intelectual, ao projeto de modernização conservadora do Regime de Porfírio Díaz no México, entre 1876 e 1910.

Os artigos publicados anonimamente no jornal “El Demócrata” por Frías, estavam preocupados em “documentar” e “testemunhar” o massacre dos tomochitecos. A novela histórica publicada por Frías, um ano após o conflito, foi produzida em um contexto em que o mesmo estava sofrendo pressões do exército e do governo, por ter denunciado a violência e por criticar a “ineficiência” do exército, frente ao enorme poder de resistência dos camponeses em Tomóchic. Heriberto Frías percorreu um caminho inverso ao de Euclides da Cunha, que ao escrever sobre Canudos no Jornal “O Estado de São Paulo”, atacou o movimento, tachando-o como a “nossa Vendéia” e posteriormente, ao editar “Os Sertões”, se posicionou criticamente com relação à ação do exército contra Canudos. Heriberto Frías, após denunciar a violência do exército e testemunhar a resistência e o nível de organização dos camponeses em Tomóchic,

---

<sup>1</sup> O autor é professor de História da América Latina na faculdade de História do UNIFIEO. O texto apresentado aqui é uma parte da pesquisa desenvolvida a partir de uma parceria entre o UNIFIEO e o Departamento de História da USP, sob a supervisão da Professora Dra Maria Helena Rolim Capelato, Professora Titular de História da América na mesma universidade.

atenuou suas críticas ao exército na novela “Tomóchic”, diante das ameaça sofridas por Benício e a prisão e o risco da corte marcial.

A novela mexicana “Tomóchic”, escrita em 1893 pelo correspondente de guerra e subtenente Heriberto Frías, é uma obra literária cuja semelhança com “Os Sertões” de Euclides da Cunha já foi apontada:

Un dato interesante, que sin duda ameritaria una investigación aparte, es el paralelismo que existe entre el conflicto acontecido en Tomóchic, en 1892 y el Canudos, en Brasil, em 1896. *Tomóchic* de Heriberto Frías y *Os Sertões* de Euclides da Cunha son obras que dan cuenta de dos massacres de rasgos militares. Em um principio, Da Cunha publicó sus informes en *O Estado de São Paulo* [como Frías que noticiou inicialmente a revolta no jornal *El Democrata* no México] (MONTANARO, 2011).

A rebelião de Tomóchic foi bastante semelhante ao movimento liderado por Antônio Conselheiro no Brasil. Ambas foram revoltas regionais que expressavam a resistência dos camponeses brasileiros e mexicanos à centralização política imposta pelas ditaduras porfirista e republicana e à secularização dessas sociedades, ocorrido no final do século XIX. Tanto a Rebelião de Canudos como a de Tomóchic representou um obstáculo ao processo de modernização implementado nesses dois países, durante segunda metade do século XIX. Processo de modernização que teve um efeito devastador sobre essas duas comunidades:

marginadas y reducidas y que habían desarrollado fuertes vínculos solidários y de sentido de pertenencia, a los cuales no estaban dispuestos a renunciar. Tal fue el poder de coesión que tubieron estas dos comunidades alimentado por la fe religiosa, que lograron causar bajas importantes a las fuerzas militares; ante esto os ejércitos respondieron com gran fúria hasta llegar prácticamente al exterminio de éstas (MONTANARO, 2011).

Antes da novela “Tomóchic” aparecer, Heriberto Frías publicou anonimamente no jornal *EL Demócrata* uma narrativa da campanha militar.<sup>2</sup> Como Frías denunciara a violência do Exército e sua “ineficiência”, diante da tenacidade da resistência dos camponeses de Chihuahua, a cobertura quase lhe valeu a corte marcial e consequentemente o pelotão de fuzilamento, uma vez que era militar. Só não foi condenado, porque o pintor, redator e seu antigo colega de Estudos, Joaquín Clausell, assumiram em seu lugar a autoria dos artigos e cumpriu pena em seu lugar, mas como era civil, não foi condenado à morte (DABOVE: 2004, pág 135).<sup>3</sup> Consta nos autos do

---

<sup>2</sup> Ver, segundo indicação de Juan Pablo Dabove e Hilário Topete Lara, a cobertura do conflito realizada por Heriberto Frías no jornal “El Demócrata” entre 14 de março e 14 de Abril de 1893.

<sup>3</sup> Segundo Juan Pablo Dabove: “La novela [Tomóchic] reivindica a los oficiales de jerarquía media, y al Ejército como institución. Pero es una denuncia de la brutalidad de la masacre y de los

Tribunal Superior de Justiça, no inquirido aos redatores de “El Demócrata”, que Joaquín Clausell assumiu a autoria dos artigos sobre a rebelião de Tomóchic, assinados com o pseudônimo de “Barreta” e que eram na verdade de autoria de Heriberto Frías (GANTUS: 2009). Com essa atitude, Clausell livrara Frías da corte marcial e do pelotão de fuzilamento, mas teve que fugir para os EUA, abandonando a redação de “El Demócrata”. Já Heriberto Frías, por sua atuação como “correspondente de guerra”, foi obrigado a abandonar a carreira militar. (TOPETE LARA, 2005, p. 97). Em 1893, Heriberto Frías publicou a novela histórica com base na cobertura do conflito, intitulada “Tomóchic”. Segundo Juan Pablo Dabove, Frías tomou como inspiração a novela *La Débâcle* de Emile Zola, que era uma obra com excelente recepção no México daquele período:

Desde su aparición en 1893, hasta la muerte de Frías en 1925, *Tomochic* tuvo cinco ediciones, un *record* para los estándares decimonónicos, hasta que fue eclipsada por la Novela de la Revolución, de la que se consideró un heraldo (Cf. René Avilés, E.R. Moore; Antonio Magaña-Esquivel). Este éxito se debió parcialmente a las escenas de corte naturalista que pueblan el volumen, a veces reescrituras literales de episodios de *La débâcle* (1892), el *best-seller* de Emile Zola (1840-1902) sobre la guerra franco-prusiana, que tuvo una calurosa recepción en el México finisecular (DABOVE: 2004, p. 355).

Joaquín Clausell, ao ser interrogado pelas autoridades judiciais do Tribunal Superior de Justiça, afirmara, sobre a novela “Tomóchic” o seguinte: “Como director de el periódico ‘El Demócrata’, concebí la idea de escribir y publicar una novela, tomando por modelo ‘La Débâcle’ de Zola, aprovechando los acontecimientos de la guerra de Tomóchic. Pensé que, por lo reciente del caso y el estilo en que iba a escribir tendría aceptación en el público.”( Joaquín Clausell. “El Democrata”, Janeiro de 1895, APUD, GANTUS: 2009, p. 178). Inspiração em Zola que partiu na verdade de Heriberto Frías, que era como se sabe o verdadeiro autor da novela. Na França, o livro “La Débâcle” de Zola, suscitou reações semelhantes à novela mexicana de Frías que se inspirou no livro

---

obscuróssssssss intereses que la promovieron (Cf. 273-274), del poco promisorio estado tanto del Ejército federal como de las milicias estatales y de la problemática conducción de la campaña (Cf. los capítulos “Causas ostensibles” y “Cruz de Tomochic, ‘Papa Máximo’”). Esta dimensión testimonial de la obra le valió a Frías una corte marcial, donde fue absuelto dado que Joaquín Clausell reclamó para sí la autoría, y como civil no era imputable de los cargos estrictamente militares que le hubieran costado la cabeza a Frías. Frías no reconocerá oficialmente la obra hasta la edición de 1899”. ver: DABOVE, Juan Pablo: 2004, op cit. p. 355. Joaquín Clausell, era uma figura chave nos movimentos de oposição à permanência de Porfírio Díaz no poder, tendo atuado no movimento estudantil e saiu às ruas da cidade do México, contra a terceira reeleição de Porfírio Díaz, em 1892, que era uma data chave para esse último que se articulava para aprovar uma reforma constitucional que lhe permitiria se reeleger indefinidamente. Os artigos de Heriberto Frías foram publicados no “El Democrata” sob o pseudônimo de “Barreta”.

de Zola. Tais reações semelhantes, deram-se, talvez, em função das influências e semelhanças entre o contexto cultural e político francês, com o contexto mexicano das últimas décadas do século XIX.<sup>4</sup> No romance *La Débâcle*, Zola narra a Guerra de 1870 e a derrota “humilhante” da França, frente ao exército alemão. Zola –assim como Heriberto Frías no México e Manuel Benício no Brasil<sup>5</sup> – provocou a ira dos meios militares. Além dos militares, Zola provocou a ira dos monarquistas, dos católicos e dos nacionalistas que amaldiçoaram o livro do autor francês. Alguns críticos acusavam Zola de “aviltar” o exército e a nação francesa com a publicação. Houve uma verdadeira campanha de difamação de Zola em vários jornais franceses:

São cada vez mais numerosos aqueles que, nos jornais, acusam Zola de ter, sob a proteção de uma narrativa pretensamente verídica, buscado tomar a moral da nação. Generais se confundem, gritando suas dores, diante da honra francesa ultrajada. Em L'Université catholique, o abade Théodore Delmont declara que *La Débâcle* é ‘um pesadelo, um vergonhoso pesadelo, tão insalubre quanto antipatriótico’, despreza esse autor, que ficou feliz em mostrar nosso exército como um bando de gatunos, covardes e bêbados, enquanto ele ‘anistiou’, nos dois primeiros capítulos, os ‘perversos’ e os ‘agentes’ da Comuna (TROYAT: 1994, p. 215).

A novela histórica de Heriberto Frías expressa, também, muitas semelhanças também com o livro “O Rei dos Jagunços”, escrito pelo jornalista e correspondente de Guerra do *Jornal do Comércio* Manuel Benício. Segundo Sílvia Maria Azevedo, “O tipo de correspondente enviado para o sertão baiano igualmente particularizava o conflito de 1897: como os repórteres iam, em missão de guerra, além de especiais, (...) caso de Euclides tenente reformado, e de Benício, capitão honorário do exército (enviados dos outros jornais eram, também, quase todos, militares)”(AZEVEDO: 2002, p. 82). Manuel Benício, ao contrário de Euclides da Cunha, já havia servido como correspondente de guerra na Revolta da Armada em 1893, para o jornal Republicano *O Tempo*, do Rio Grande do Sul. Por estar muito próximo da guerra e colocar sua vida em risco, Manuel Benício irá construir uma visão de “perto e de dentro” do conflito de Canudos, o que dará uma certa “garantia de veracidade” às suas reportagens, afirma Azevedo. Em sua cobertura jornalística, como forma de garantir a veracidade do que

---

<sup>4</sup> É claro que a censura e as perseguições sofridas por Heriberto Frias por parte da ditadura de Porfírio Díaz foi muito maior que as críticas que Zola recebeu, como veremos. Sobre a influências do contexto francês no México, ao longo de todo o projeto discutiremos à fundo essa questão.

<sup>5</sup> Manuel Benício, como vemos também foi militar e correspondente na Guerra de Canudos e posteriormente publicou uma “crônica romanceada” da Guerra de Canudos intitulada “O Rei dos Jagunços”.

escrevera, uma vez que nas cartas ao jornal do comércio irá responsabilizar o general Artur Oscar pelo malogro do ataque a Canudos em 28 de Junho, ele faz questão de se apresentar em suas cartas ao jornal como um “combatente” e “patriota” e não como um jornalista apenas: “Tive a suprema satisfação de ser apresentado pelo general Savaget, não como um jornalista, mas como um combatente e patriota que havia prestado bons serviços à sua coluna”.<sup>6</sup>

Heriberto Frias foi influenciado pelos movimentos literários e pelas ideias na França e em especial livro “La Debâclé” de Emile Zola, que aborda o contexto de 1870, a Guerra franco prussiana e o fim do Império Napoleônico na França. As interpretações de Heriberto Frias e Manuel Benício percorrem um caminho inverso ao de Euclides da Cunha, pois os dois autores denunciaram a violência do exército e a “barbárie” da modernização capitalista na cobertura jornalística e posteriormente, ao editarem suas obras literárias, atenuaram as críticas ao exército e legitimaram o projeto de centralização política das ditaduras porfiristas e republicana nos dois países.

Charles A. Hale, entre outros autores, identifica uma tensão na obra de Euclides da Cunha, que de modo diverso, também se manifesta na obra de Frias. Segundo Hale:

A narrativa de Euclides revelou uma profunda contradição entre a aceitação do racismo e do darwinismo social e a percepção empírica de que os sertanejos adaptados poderiam ser o verdadeiro ‘cerne da nacionalidade [...] a rocha viva da nossa raça’. Segundo sua teoria, o mestiço era psicologicamente desequilibrado e decaído, regressando à raça primitiva, uma vítima da ‘fatalidade das leis biológicas [...] uma sub-raça histórica do futuro.’ Insulado da costa há três séculos ele fora poupado das exigências da luta pela existência racial e, por isso, pôde adaptar-se livremente ao ambiente. Assim, Euclides distinguia o mestiço ‘raqúitico’ do litoral e o mestiço ‘forte’ do sertão. Entretanto, pareceu superar a teoria ao descrever a coragem pura, o heroísmo e a serenidade dos últimos defensores de Canudos...(HALE, 2001, p. 360).

Os contextos históricos da Revolta de Tomóchic e de Canudos eram bastante semelhantes: 1-Tomóchic é um pequeno povoado, situado ao norte da Sierra Madre, no Estado mexicano de Chihuahua; 2-quando ocorreu a rebelião, foram enviadas sucessivas expedições da força pública e do exército, que foram derrotadas, até o assalto final das tropas do exército federal, na época da Ditadura de Porfírio Díaz; 3-Como Canudos, Tomóchic foi mais um episódio da guerra infinita que as oligarquias latino-

---

<sup>6</sup> BENÍCIO, Manuel. Carta ao jornal do Comércio escrita no dia 4 de Julho de 1897 e publicada no dia 3 de Agosto do mesmo ano. In: Walnice Nogueira Galvão, p. 245. A carta só foi publicada quando o correspondente do jornal já estava fora da zona do conflito para não aumentar os conflitos entre o mesmo e os oficiais do exército que comandaram a campanha militar contra Canudos, uma que na correspondência Benício denuncia os erros cometidos pelo general Artur Oscar, o que custou muitas vidas ao exército e a derrota da segunda expedição.

americanas levaram a cabo contra seus compatriotas, uma guerra sem armistícios nem prisioneiros e que acompanharam intensos processos de modernização e de integração com a ordem mundial, para usar uma expressão de Hector Alimonda.(ALIMONDA, 2002, p. 382).

Em 1891, a região de Tomóchic se viu afetada por uma grave crise agrícola que assolou o distrito de Guerrero, de modo semelhante às secas que assolavam o nordeste brasileiro, na região de Canudos. No México havia um problema de caráter político, que ocorrera em função do enfraquecimento da aliança entre Porfírio Díaz e seus aliados, os “pachequistas” que fez com que o grupo dos “Terrazas” intensificassem a pressão contra as autoridades anteriores, buscando evitar a eleição de Lauro Carrillo, que governara o Estado entre 1888 e 1892.<sup>7</sup> Segundo Maria Esther Montanaro:

La situación política estaba tensa a causa del ambiente electoral. Entre noviembre de 1891 e octubre de 1892 los tomochitecos habían manifestado em varios momentos su rebeldia al control eclesiástico y a las políticas del régimen porfiriano. Um ejemplo de esta rebeldia fue a no participación en la elección de los funcionarios municipales para el ayuntamiento, realizada a finales de noviembre de 1891; pues la mejor parte de los cincuenta electores del pueblo decidieron no votar y más bien participar em una peregrinación religiosa.<sup>8</sup>

Os tomochitecos haviam sido acusados, ainda, de participar de alguns roubos e eram tachados de “fanáticos”, afirma Esther Montanaro, por causa do culto á Teresa Urrea, “la Santa de Cabora” e o culto ao “Santo Cristo de Chopeque”, que era um laico ancião, chamado Carmén Maria Lopez y Valencia, que de modo parecido ao de Antonio Conselheiro, pedia esmolas para promover o culto à Santa de Cabora.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> Segundo Maria Esther Montanaro, Luis Terrazas havia sido um juarista de projeção e foi governador do distrito do Estado de Chihuahua, conquistando um enorme prestígio e poder político e econômico na região. Terrazas participou da guerra contra os apaches e contou para isso com grande apoio popular, aglutinando apoio de vários segmentos da sociedade. Quando Porfírio Díaz chegou ao poder, tornou-se inimigo de Terrazas, por seus antecedentes juaristas e pelo enorme prestígio e poder que tinha. Com terminou o mandato de Terrazas, Porfírio Díaz, com o apoio de outros líderes políticos da região, conseguiu eleger Carlos Pacheco como governador do Estado de Tomóchic, para cumprir o mandato entre 1884-88.

<sup>8</sup> Maria Esther Montanaro retira essas informações do livro de Antônio Saborit: **Los Doblados de Tomóchic. Un episodio de história y literatura**. México, Cal y Arena, S/D

<sup>9</sup> O início do conflito em Tomóchic deu-se após a visita do Governador Lauro Carrillo, quando na ocasião, ao visitar uma Igreja, “pediu” para si, como “presente”, as imagens religiosas de São Joaquim e Santa Ana, para que as imagens fossem enviadas à sua residência. O chefe político local enviou as imagens, mas ante os protestos da população, as mesmas voltaram para a Igreja. Para deteriorar mais a relação entre a população e o governo estadual, um empregado de uma empresa inglesa de exploração de minério na região de Pinos Altos, apresentou uma acusação de “roubo” ao Governador Lauro carrillo, cujos acusados eram os habitantes de Tomóchic. Lauro Carrillo declarou o povoado como “rebeldes” e enviou um expedição militar que prontamente derrotada pelos “caçadores destros”, que tinham acesso amplo à armas de grosso calibre, via contrabando na fronteira com os EUA, e por

O México, nas duas últimas décadas do século XIX, estava convulsionado internamente diante da tentativa de instauração do Segundo Império e em função dos conflitos entre liberais e conservadores, ao menos desde as reformas liberais de Benito Juárez naquele país. A Igreja católica sofreu nesse período um processo de desgaste e perdera parte de seu poder de ingerência na região de Chihuahua, onde se localiza o povoado de Tomóchic, no antigo distrito de Guerrero, algo que contrasta com a intensa atuação dos jesuítas e franciscanos na região, durante o período colonial.

O enfraquecimento da Igreja na região levou ao fortalecimento do protestantismo, bem como das religiões “autônomas”.<sup>10</sup> Em Tomóchic, assim como em Canudos, desenvolveu-se uma espécie de “catolicismo dissidente”, para usar uma expressão de Esther Montanaro, com fortes raízes populares. Como Canudos, a rebelião de Tomóchic foi o estopim do descontentamento entre os tomochitecos e canudenses, com o governo, apesar do governo brasileiro e mexicano se esforçar para qualificar o movimento como um movimento organizado por “fanáticos”. Na rebelião de Tomóchic, como em Canudos, a devoção religiosa foi o canal por onde a população que participou dos movimentos, expressou seu descontentamento de caráter social, econômico e político, encontrando na religião a unidade necessária para enfrentar o Estado e a Igreja no México e no Brasil. Sob esse aspecto, então, vale dizer que a novela de Heriberto Frias cumpriu um papel importante, em termos de recuperação e registro na memória histórica e de denúncia da violência praticada pelo exército federal contra os habitantes de Tomóchic. Segundo Dabove, na memória histórica sobre o porfiriato, a campanha militar contra o povoado de Tomóchic ocupa um lugar importante, uma vez que esse movimento já foi considerado, inclusive, “precursor da Revolução Mexicana”. Tamanha é sua importância, que Francisco Madero, em seu famoso livro *La Sucesión Presidencial*, menciona a Guerra de Tomóchic como uma das principais falhas do militarismo no regime de Porfírio Díaz, dedicando uma sessão especial do livro para tratar do tema (DABOVE: 2004, p.354).

Como se trata de um trabalho de história intelectual, a pesquisa analisa as articulações internas (discurso), tomando como fonte os artigos de jornal e as obras

---

estarem acostumados a defenderem o seu território dos avanços dos índios Apaches. Sobre a sinopse do conflito ver: TOPETE LARA, op. Cit. 2005.

<sup>10</sup> No artigo citado de Maria Esther Montanaro há uma vasta bibliografia sobre a questão da Igreja católica e o movimento de Tomóchic.

literárias Tomóchic de Heriberto Frías. Pretende-se entender como o livro de Frías tomou a obra de Emile Zola, *La Débâcle* como referência. No que se refere à cobertura jornalística realizada por Frías, pretende-se compreender o autor, ao transformar suas reportagens em obra literária, atenuou suas críticas ao exército, buscando evitar mais problemas com o exército porfirista e conquistar, assim, uma melhor inserção e prestígio nos meios literários e intelectuais mexicanos. Segundo Dabove, há uma dinâmica que visa fixar uma determinada imagem do movimento camponês de Tomóchic na memória histórica, quando Heriberto Frías redefine o lugar do massacre das populações camponesas de Chihuahua, na memória histórica nacional. Tal mudança no sentido inicial da cobertura jornalística e o seu lugar na memória histórica, que era de denúncia da violência do exército, explicitando a “barbárie” da civilização, cria um processo de “resignificação”, quando o autor editou sua novela histórica, pois o mesmo passa a exaltar do projeto de Estado-Nação da época do porfiriato, afirma Dabove.

Um ponto que estamos explorando na pesquisa é o papel das idéias francesas na formação das elites letradas da América Latina, nas últimas décadas do século XIX. Ao propormos uma reflexão sobre as mudanças culturais na Europa, ou mais especificamente na França e seu impacto em dois países da América Latina, não podemos nos esquecer de que, segundo Nicolau Sevcenko, o estabelecimento de uma vanguarda científica, no cenário europeu da década de 1870, teve um impacto enorme na história mundial: “O estabelecimento de uma vanguarda científica na área do conhecimento, centrada ao redor das ciências naturais, esteve por trás de toda uma série de fenômenos que revolucionaram a sociedade do Velho Mundo. Mais ainda, foi essa vanguarda que definiu os três saltos imensos que mudariam o destino praticamente toda a humanidade nos anos que se seguiram” (SEVCENKO: 2003, p.100).

Segundo Charles Hale, no México as idéias européias só começaram a se tornar mais permeáveis entre os liberais mexicanos, após a queda de Maximiliano, que foi concomitante ao fim do Império Napoleônico na França, favorecendo uma melhor recepção da obra de Zola no México. A boa recepção da novela “Tomóchic” de Heriberto Frías, entre outras coisas, deve-se ao fato da mesma ter sido concebida a partir de *La Débâcle* de Zola, que havia contado também com uma excelente recepção nos meios literários mexicanos. Segundo o historiador José Luis Romero, nas idéias e na arquitetura, as novas burguesias queriam se livrar do “ar colonial” das metrópoles

latino-americanas e demolir o velho para dar lugar ao novo e o novo modelo urbanístico de Paris implementado por Napoleão III era uma influência decisiva (ROMERO, 2004, p. 310).

Na América Latina, segundo José Luis Romero, o desenvolvimento de certo gosto estético, que valorizava a literatura e a pintura, era um elemento necessário, num ambiente em que predominava “a atitude *snob* que convidava a estar a par com as ‘últimas novidades de Paris’, a começar pela obra de um escritor mais em voga, a elogiar o que devia ser elogiado a fim de que se observasse que se estava no renovado mundo da época do progresso. Foi mais um alarde de superioridade social (ROMERO, 2004, p. 323).

No México, a partir de 1870, o consenso político entre as elites mexicanas e de outros países do continente passou a se sustentar por um conjunto de idéias sociais e filosóficas, que proclamavam o triunfo da ciência na América Latina. A doutrina mais expressiva foi o positivismo de Auguste Comte: “Na América Latina, a principal influência direta da filosofia comteana se fez sentir nos esforços para reformar a educação superior a fim de atender aos imperativos de nova era. As economias modernas e progressistas e os governos exigiam uma liderança imbuída de um domínio sistemático da ciência moderna (HALE: 2001, p. 349). No México, o foco da renovação na formação das elites políticas, foi a *Escuela Nacional Preparatoria*, em 1867, afirma Hale. A escola foi uma instituição fundada após a restauração da República e inspirada em Gabino Barreda, um médico e professor que assistira às aulas de Auguste Comte. A escola foi dirigida por Barreda até 1878 e foi o principal centro de formação da elite intelectual do México.<sup>11</sup>

Na teoria educacional da época, a influência do positivismo difundiu uma crescente preferência pelos estudos científicos e práticos, em oposição aos estudos humanistas, bem como a adoção do secularismo e a defesa do Estado Centralizador, além da ênfase no aprendizado enciclopédico. Ainda segundo Hale, o positivismo apesar de não ser uma teoria política, permitiu que a elite dirigente extraísse algumas

---

<sup>11</sup> Segundo Hilário Topete Lara, o contraponto entre o positivismo de Comte e Gabino Barreda, demonstra um enorme desencontro de idéias: “Barreda, al traer la filosofía positiva de su maestro, omitió seguir los lineamientos del francés en cuanto sus ideas políticas (establecimiento del programa proletário de garantizar educación y trabajo) y en torno de la ‘religión de la humanidad. Barreda solo aplico las cuestiones teórico-doctrinárias y las modificó para que engrazaran correctamente con el momento socioeconómico y político del país.”In: TOPETE LARA, Hilário, op. Cit, p.95.

ideias políticas importantes de seus preceitos, tais como o conceito de uma “política científica”, principalmente no México e no Chile:

O conceito implicava a certeza de que era possível aplicar os métodos da ciência aos problemas nacionais. Para essa elite, a política era uma ‘ciência experimental’ baseada em fatos. Os políticos não deviam mais se guiar por teorias abstratas e fórmulas legais, as quais haviam produzido apenas revoluções e desordem. Os novos guias deviam ser a observação, a investigação paciente e a experiência (HALE: 2001, p.352).

No México, o conceito de *política científica* foi elaborado por Justo Sierra e os colaboradores do jornal *La libertad* (1878-1884). Após o seu amadurecimento por várias décadas, no final do Século XIX o positivismo já havia criado um consenso entre as elites, de que “a sociedade era um organismo análogo à natureza, sujeito à mudanças no tempo. Entre os teóricos da evolução social foi Herbert Spencer o mais citado pelos latino-americanos. Spencer tornou-se símbolo da época, mesmo que sua real influência tenha sido menor do que a de Auguste Comte, outro ‘pilar’ do positivismo (HALE: 2001, p. 362). As idéias de Spencer, mais que as de Comte afirma Charles Hale, compunham um elemento importante no universo intelectual das elites latino-americanas e na sua maneira de compreender as sociedades latino-americanas, entre 1890 e 1914. De certo modo, Spencer ajudou as elites intelectuais do continente a buscarem entender as peculiaridades próprias dessas sociedades dentro de um esquema universal, pois seu pensamento tinha um componente antropológico, ainda que o elemento central de seu sistema evolutivo fosse a “raça” (HALE: 2001, p. 363).

Segundo José Luis Romero, sob a influência de Comte e Spencer, formaram-se no seio das novas burguesias latino-americanas, grupos de “autênticos intelectuais”, de escritores e de artistas, o que expressa a intensidade do processo de mudanças na região. Entre as classes médias surge um novo tipo de homem de letras, visto sempre nos cafés e tertúlias literárias, nas exposições artísticas e estréias de peças de teatro, inaugurando uma atividade cultural mais “militante” e menos acadêmica, afirma Romero:

Grupos de poetas, escritores e artistas foram, às vezes, um pouco marginalizados, mas, a rigor, só na aparência. A boemia, os cafés, ateneus, redações e tertúlias desdenhavam dos valores consagrados e as ideias geralmente admitidas (...) O naturalismo novelístico tratava de penetrar nos segredos desta nova sociedade devorada pela tentação da fortuna fácil e da ascensão social acelerada e, apesar de condenar o que acreditava ser nela desumano e cruel, compartilhava o que pudesse ser chamado de seus princípios são (ROMERO, 2004, p. 324).

Na literatura latino-americana, segundo Gerald Martin, a influência do positivismo nas últimas décadas do século XIX foi tão forte, “que a literatura ou se

colocou contra ele, como no caso do modernismo, ou aderiu a ele incondicionalmente, como aconteceu no caso do naturalismo (MARTIN, 2001, p.492). No Brasil, mais que em outros países da região, a fluente assimilação das idéias européias nesse período, criou uma estreita relação entre a literatura brasileira e a francesa: “O primeiro romancista inequivocamente naturalista, e o primeiro brasileiro a viver da pena foi Aluísio de Azevedo (1857-1913), que leu tanto Zola quanto Eça de Queiroz. Sua postura literária é mais consciente e intransigente do que a de qualquer romancista hispano-americano da época” (MARTIN, 2001, p. 494).

No México do século XIX, os efeitos da guerra com os EUA a invasão francesa, prolongou as temáticas do romantismo de busca de uma literatura nacional. Contudo, nesse país já era possível sentir a influência da obra de Zola e do naturalismo:

Frederico Gamboa (1864—1939) foi o discípulo mais direto de Zola na América espanhola: os protagonistas *Del Natural* (1888) e de *Suprema Ley* (1896) são a sífilis e o álcool (as obras modernistas do período se inclinavam mais para focar a tuberculose e o ópio); nessas obras, os humanos são meros atores secundários que agem de acordo com a tese e, portanto, com o tipo, exemplificando a subordinação do personagem ao tema que define a ficção latino-americana até essa época. *Metamorfosis* (1899) trata de uma freira que, raptada do convento, entrega-se à luxúria; e *Santa* (1903), tão conhecida hoje no México quanto *Nana* de Zola, foi outra demonstração de laboratório que aborda a vida trágica de uma moça do campo que, seduzida por um soldado, vira prostituta em Cidade do México (MARTIN, 2001, p. 500).

A divisão cada vez mais complexa do trabalho, as novas condições da vida nos centros urbanos, o crescimento das viagens e certa mobilidade social e geográfica, que foram conseqüências da modernização capitalista no continente, conspirou para criar uma escrita breve e direta, atual e imediata, afirma Gerald Martin. As burguesias latino-americanas haviam criado os grandes jornais, como o *La Nación* em Buenos Aires, *La Época* em Santiago, ou o *La Opinión Nacional* em Caracas, que veiculavam as principais notícias sobre os meios sociais e culturais elegantes da Europa durante a *Belle Èpoque* para os novos ricos (MARTIN, 2001, p. 512). Segundo Ángel Rama, toda mudança social rápida, como as mudanças ocorridas nas últimas décadas do século XIX, gera mudanças na literatura produzida por essa sociedade, tais como a ampliação do público leitor, com a irrupção de setores ou classes que até então estavam marginalizados do conglomerado social, gerando uma progressiva democratização da narrativa e a introdução de temas antes desprezados, numa “reconversão mais democrática e popular da narrativa”. Outro traço, característico da produção literária de Zola e seus “discípulos” no México e Brasil (Frías e Benício) é a “forte tendência ao

documentarismo, às formas da reportagem quase direta, em carne viva, à literatura testemunhal e à autobiografia” (RAMA, 2001, p. 105). A tendência ao “documentarismo” na literatura, gerou condições para a produção de uma literatura comprometida com a reconstituição histórica dos acontecimentos, mas quem nem por isso permite que nos esqueçamos que se trata de narrativas literárias, ou construções ficcionais sobre a realidade.

Diante da aparente “confusão” entre a reportagem e a literatura afiliada ao naturalismo e os métodos de composição de Zola, seria importante, como estamos fazendo na pesquisa, refletir sobre a mistura entre essas linguagens e os procedimentos da pesquisa histórica, que também pressupõem documentar, narrar e reconstituir os acontecimentos, sem confundir o trabalho do historiador com o do literato ou do jornalista, mas entender as relações de proximidade e de distanciamento entre essas linguagens.

Sobre o campo intelectual francês no século XIX, e seu impacto na história intelectual latino americana, vale dizer que, segundo Pierre Bourdieu, a revolução de 1848 decepcionara os liberais na França, remetendo a maior parte dos escritores à uma espécie de “quietismo”, ou expressões do desencanto, expressas em figuras como Flaubert e Taine, que se refugiam em sua obra e passam a guardar silêncio em relação aos acontecimentos políticos. Èmile Zola, cuja obra e o modelo de intelectual inspirou Heriberto Frías, também provocou uma guinada na posição e no papel dos intelectuais e literatos no contexto francês:

Assim por uma estranha reviravolta, é apoiando-se na autoridade específica que fora conquistada contra a política pelos escritores e pelos artistas puros que Zola e os pesquisadores nascidos do desenvolvimento do ensino superior e da pesquisa, poderão romper com o indiferentismo político de seus antecessores para intervir, por ocasião do caso Dreyfus, no próprio campo político, mas com armas que não as da ação política (BOURDIEU: 1996, p. 152).

No Brasil, José Veríssimo não se cansava de elogiar a ação dos intelectuais franceses no caso Dreyfus, afirma Sevcenko, pelo fato dos intelectuais daquele país terem se colocado acima e contra toda a nação e sugeria que no Brasil os intelectuais deveriam fazer o mesmo. Tratava-se, porém, de uma busca de independência contraditória, uma vez que, se por um lado era libertador em seu impulso ético, por outro lado era estéril, pois não havia no contexto brasileiro e latino-americano, campo de ação para um posicionamento similar ao de Zola na França (SEVCENKO: 2003, p.

112). Segundo Sevcenko, o desenvolvimento do “novo jornalismo” foi um dos fenômenos mais marcantes no campo da cultura, com profundas repercussões na atividade dos intelectuais, pois as novas técnicas de impressão e edição baratearam a imprensa. Sob essas condições, cria-se uma “opinião pública” urbana que necessitava da “orientação” dos homens de letras que lotavam as redações. No Brasil, os intelectuais, por sua vez:

Pregam reiteradamente a difusão da alfabetização para a ‘redenção das massas miseráveis’. Desligados da elite social e econômica, descrentes da casta política, mal encobrem o seu desejo de exercer tutela sobre uma larga base social que se lhes traduzisse poder de fato. Era evidente, contudo, que essa engenhosidade ambígua não convinha aos projetos das oligarquias e morreu na reverberação ineficaz da retórica (SEVCENKO, 2003, p. 119).

Segundo Benoît Denis, o advento da modernidade, em meados do século XIX, transformou a representação da literatura, criando condições para o aparecimento da literatura “engajada.” Foi na França do Segundo Império, que os princípios estéticos da modernidade tiveram sua formulação mais completa, pois foi nesse regime que foi elaborada a concepção moderna do literário. Engendrado a partir de derrota de uma revolução utópica, o Segundo Império, por outro lado, apesar de ter deixado uma imagem “execrável” na literatura (basta evocar, por exemplo, o romance *Rougon-Macquart*, de Zola, afirma Benoît), foi no Segundo Império que nasceu a França moderna: “Por mais paradoxal que isso possa parecer, dado caráter conservador e autoritário do regime, é entretanto a França moderna que nasceu durante esse período.(BENOÎT, 2002, p.197).

O Segundo Império, do ponto de vista das transformações culturais e sociais do período, foi marcado por uma grande prosperidade econômica, com a emergência de uma “grande burguesia financeira e capitalista”, o surgimento do proletariado urbano e o desenvolvimento da cultura do consumo e do luxo, como apontam Benoit. Ángel Rama, na mesma linha de raciocínio afirma: “o século XIX é o da apoteose do romance, mesmo dentro dessa distorção interna que gera a Restauração e a Santa Aliança, contra o progressismo democrático que provocou a grande Revolução burguesa de 1789, e definitivamente impõe a tal ponto um sistema expressivo, uma articulação recursos narrativos, um uso do personagem...”(RAMA: 2004, p. 101).

Ao relacionar o contexto francês com o latino-americano, é preciso tomar alguns cuidados, uma vez que essa imagem do “progresso” era, afirma José Luis Romero,

inseparável do alto grau de avanço que as ciências e as técnicas aplicadas a indústria haviam alcançado na Europa, bem como do prestígio alcançado pelo mundo industrial. Tais condições não se encontram na América Latina. O modelo francês é mais um “espelho” que um modelo para a América Latina, diz Romero. Um espelho que se baseava na importação dos produtos que eram fruto desse progresso. Sob esse aspecto, então, os intelectuais na França passam a atuar de modo mais autônomo na esfera intelectual e política, como diz Bourdieu:

Por um paradoxo aparente, é apenas no fim do século, no momento em que o campo literário, o campo artístico e o campo científico chegam à autonomia, que os agentes mais autônomos desses campos autônomos podem intervir no campo político como intelectuais –e não como produtores intelectuais convertidos em políticos, à maneira de Guizot ou de Lamartine –, isto é, com uma autoridade fundada na autonomia do campo em todos os valores que lhe estão associados, pureza ética, competência específica etc (BOURDIEU: 1996, p.372).

Os literatos, entre outros intelectuais e artistas, no contexto francês, passam então a se posicionar no espaço público e interferir no mundo da política, investidos de uma autoridade artística ou científica em atos políticos como o manifesto “Eu Acuso” de Zola e os abaixo assinados e petições de outros pares para apoiá-lo. São intervenções na cena pública de um tipo novo, afirma Bourdieu, que maximizam duas dimensões da identidade do intelectual: a “pureza” e o “engajamento.” A política da pureza, seria a antítese da “razão de Estado.” Por ela o intelectual se reivindica o direito de transcender valores “sagrados”, como o patriotismo, tal como faz Zola, ao escrever um artigo considerado “difamatório” na época, pois era contra o exército francês (BOURDIEU: 1996, p. 372).

Numa narrativa literária em que cabe exibir transitoriedades, guerras, epidemias, raças, amores e religiões que passam, é crescente a importância da imagem técnica e crucial nas novas formas de percepção. Um exemplo disso é o fato de que, “uma vez destruído o arraial de Canudos, ter-se desenterrado cuidadosamente o cadáver do Conselheiro para que se pudesse fotografá-lo. Pois, como observou Euclides da Cunha, em *Os sertões*, importava então convencer as populações citadinas de sua morte e da resistência sertaneja. E, para isso, a fotografia [também muito utilizada para registrar a destruição de Tomóchic se mostrava comprovação necessária (SÜSSEKIND: 1987, p.107).

Literatos e jornalistas como Euclides da Cunha, Manuel Benício e Heriberto Frías, por trabalharem diariamente na imprensa, passam a escrever a partir de uma

percepção fragmentária do tempo, em que o que vale é captar o transitório, diz Flora Süssekind: “Porque o fato de trabalharem na imprensa diariamente, em contato com a visão de cada dia com condensação privilegiada da História, parece sugerir a esses poetas uma espécie de ‘forma literária de passagem’, moldada no jornal (SÜSSEKIND: 1987, p. 99). Se é possível relacionar o modelo intelectual inaugurado por Zola com as atitudes de Heriberto Frías e de certo modo Euclides da Cunha, tal relação entre o contexto francês e latino-americano deve ser feita com certo cuidado, pois se tratam de contextos históricos bastante distintos.

Heriberto Frías e Euclides da Cunha eram militares de carreira ou de formação que transcenderam as razões de Estado e denunciaram a violência do Exército Federal no Brasil e no México, denunciando também a violência do projeto centralizador da Primeira República no Brasil e do Porfiriato no México. Sob esse aspecto, a análise da trajetória intelectual de Heriberto Frías permite uma melhor compreensão sobre a forma como um intelectual e literato latino-americano, no contexto do final do século XIX, se posicionou no espaço público, denunciando com seus artigos a repressão dos camponeses em Tomóchic, sendo por isso perseguido pelo regime de Porfírio Díaz.

### Referências Bibliográficas

- ALIMONDA, Hector. **Nos Sertões de Tomóchic, a guerra infinita (notas)**. **Revista de Sociologia da Emoção**. Grupo de Estudos de Sociologia da Emoção. V1, Num 3, Dez de 2002. In: <http://www.foxitsfotwere.com> Acesso em: 21/01/2011, às 15:21.
- AZEVEDO, Sílvia Maria. **Manuel Benício: um correspondente da Guerra de Canudos**. **Revista da USP**, São Paulo, Junho/Agosto 2002.
- BENOÎT, Denis. **Literatura e engajamento**. Bauru: EDUSC, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Cia das Letras 1996.
- DABOVE, Juan Pablo. **REVISTA DE CRÍTICA LITERARIA LATINOAMERICANA**. Ano XXX, Nº 60. Lima-Hanover, 2do. Semestre de 2004
- GANTUS, Fausta e Florencia Gutierrez. **Liberalismo e Antiporfirismo. Las Incursiones Periodísticas de Joaquín Clausell. Relaciones 118**, Primavera 2009. Volume XXX
- HALE, Charles H. **As Ideias Políticas e Sociais na América Latina, 1870-1930**. IN: **História da América Latina, de 1870 a 1930**. BETHELL, Leslie. São Paulo: EDUSP, 2001.

MARTIN, Gerald, **A Literatura, a Música e a Arte da América Latina, 1870-1930**. IN **História da América Latina, volume IV: de 1870 a 1930**/ organização Leslie BETHELL, São Paulo: EDUSP/IMPrensa Oficial do Estado, 2001

MONTANARO, Maria Esther M. **Olvido Y Memória: Tomóchic de Heriberto Frias**. In: <http://www.pacarinadelsur.com/home/movimientos/58-olvido-y-memoria-tomochic-de-heriberto-frias>. Acesso: 21/01/2011.

RAMA, Angel. **ANGEL RAMA, Literatura e Cultura na América Latina**/ organização Flávio Aguiar & Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: EDUSP, 2001.

ROMERO, José Luis. **América Latina: as cidades e as idéias**. Rio de Janeiro: editora da UFRJ, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo das Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

TOPETE LARA, Hilário. **Los Flores Magón y Su Circunstancia**. IN: Contribuciones desde Coatepec. Número 8, Enero-Junio 2005

TROYAT, Henri. **ZOLA**. São Paulo. SCRITTA/Página Aberta, 1994.